

BATENDO NA MESMA TECLA: ANÁLISE DOS LUGARES-COMUNS NAS REDAÇÕES DE VESTIBULAR UNIJUÍ¹

Sidinei Mateus Schmidt², Rosita da Silva dos Santos³

1. Trabalho desenvolvido a partir dos estudos no projeto de pesquisa intitulado “Fatores Estratégicos na Construção de Textos: Análise das Redações do Vestibular da UNIJUÍ”
2. Estudante do Curso de Letras da UNIJUÍ
3. Professora Orientadora do Projeto. Mestre em Linguística pela UFSC e Doutoranda em Educação nas Ciências, pela UNIJUÍ

Resumo:

Neste trabalho, investigou-se a presença de argumentos de lugar-comum no sentido aristotélico, em redações de vestibular da UNIJUÍ. A noção de lugar-comum pode ajudar no ensino de redação e parece auxiliar na compreensão das produções de texto. O que pode ser percebido é que, embora argumentem pouco, os alunos utilizam bastante os lugares-comuns na argumentação. Entretanto, esses argumentos não ficam muito evidentes. Entendemos que isso advém das características desse tipo de argumento. Além disso, pode ser resultado de dificuldades com relação à produção textual e conhecimento limitado sobre argumentação. Assim sendo, os resultados indicam a necessidade de desenvolvimento de um trabalho um pouco mais extensivo no ensino da redação e da argumentação.

Autorização legal: Pesquisa autorizada pela vice-reitoria da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS - UNIJUÍ

Palavras-chave: Argumentação; Redação; Vestibular.

Apoio financeiro: Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS – UNIJUÍ

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UNIJUÍ.

Introdução:

A noção de lugar-comum pode ajudar no ensino de redação e parece auxiliar na compreensão da produção textual, e este é um exemplo de como o estudo da retórica pode contribuir no ensino de produção textual na escola. Neste trabalho, investigou-se presença de argumentos de lugar-comum, no sentido aristotélico, em redações de vestibular da UNIJUÍ. Observou-se que esses argumentos apareceram com bastante recorrência nas redações estudadas.

Objetiva-se, neste artigo, examinar como se dá a formação dos argumentos dos alunos que concluíram as etapas da escolaridade obrigatória, especialmente os argumentos de lugar-comum, quais são seus méritos e suas debilidades. Entende-se que, a partir dessa reflexão, se torna possível observar fragilidades do ensino da redação, e, com isso, pretendemos fornecer instrumentos à capacitação dos professores, tendo em vista a superação de possíveis problemas observados.

Dessa forma, este estudo tenta responder às seguintes questões: de que forma estão presentes os argumentos de lugar-comum nas redações, com que frequência eles aparecem, e o que isso indica.

Metodologia:

A partir da concepção aristotélica de lugar-comum, nos propomos a analisar a argumentação das redações dos vestibulandos da região. Para tanto, selecionamos as redações dos candidatos aos cursos de licenciatura como amostra do universo de redações do Vestibular de Verão Unijuí de 2017. Tal amostragem se justifica pelo fato de que, em geral, esses candidatos estarão indiretamente envolvidos na produção de futuras redações.

Fiorin apresenta duas definições do termo lugar-comum, evidenciando que há uma clara distinção entre as duas concepções. Uma é de um esquema argumentativo que pode receber os conteúdos mais diversos, que é o sentido aristotélico; outra é de um argumento pronto, com figuras recorrentes, que revela uma opinião comum, amplamente aceita e que não exige provas (2015, p. 95-96). Tomamos a primeira concepção no desenvolvimento do nosso estudo, ou seja, os lugares-comuns seriam modelos com certo valor argumentativo, que poderiam ser usados para se desenvolver argumentos para uma discussão qualquer.

Aristóteles apresenta vários desses modelos, dentre eles, os lugares do acidente. São esses que Perelman agrupa nas seguintes categorias: lugares da quantidade, da qualidade, da ordem, do existente, da essência e da pessoa (2002, p. 96). A esses, Fiorin acrescenta o lugar da justa medida (2015, p. 102). São esses os tipos que analisamos nas redações dos alunos.

Resultados e Discussão:

Algo que tem nos interessado é como o estudo da Retórica pode contribuir nas aulas de redação. Dessa forma, temos investigado as relações existentes entre esse conteúdo e as dificuldades identificadas nas

produções dos alunos. Neste trabalho, utilizamos o conceito de argumento de lugar-comum e procuramos visualizar sua presença nos textos produzidos pelos estudantes. Isso foi feito procurando-se nas redações esquemas que se identificassem com os modelos estudados em Perelman e Tyteca (2002) e Fiorin (2015). Os textos utilizados foram as redações do Vestibular Verão Unijuí 2017 dos candidatos dos cursos de licenciatura.

O que pode ser percebido é que, embora argumentem pouco, os alunos utilizam bastante os lugares-comuns na argumentação e que esses argumentos não ficam muito evidentes. Assim observamos a importância do desenvolvimento do estudo da redação e da argumentação. Assim sendo, procuramos descrever neste texto nossas observações sobre o quanto os alunos utilizam os lugares-comuns, como eles utilizam e o que isso indica.

Inicialmente, é necessário destacar que os alunos argumentam pouco nas redações. Os argumentos são raros e, geralmente, não muito elaborados. Isso pode ser percebido nos textos analisados, como já fizemos em trabalhos anteriores. Não se costuma encontrar dados e informações que não sejam os apresentados no texto motivador. Argumentos de autoridade também são incomuns. Os argumentos presentes nos textos não deixam evidentes premissas que fundamentem suas conclusões. Muito menos apresentam garantias e justificativas, como indicado, por exemplo, no modelo de Toulmin (cf. SERAFINI, 1992, p. 56; TOULMIN, 1995).

Apesar de havermos identificado poucos argumentos, se considerarmos sua totalidade, percebemos que a argumentação, de modo geral, resume-se a dois tipos de argumento: os de lugar-comum e os de causa e efeito, sendo que os primeiros são os mais comuns. Isso é compreensível, afinal, para Aristóteles os lugares-comuns diferem-se dos de lugar próprio por poderem ser utilizados em qualquer campo discursivo (FIORIN, 2015, p. 94). Além disso, seu uso é próprio do raciocínio. Quando Aristóteles agrupou seus tópicos de lugar-comum, ele os demonstrara com exemplos reais de uso já conhecidos na literatura e cultura gregas. Ou seja, o uso antecede o estudo desses modelos, e, portanto, independe deste. Logo, esses argumentos costumam ser realmente comuns.

Apesar de serem os mais recorrentes, os argumentos de lugar-comum são difíceis de se reconhecer nas redações estudadas. Como eles são abrangentes e não se tratam de esquemas rígidos que deveriam ser seguidos à risca, podem não ser percebidos com facilidade. Além disso, como indicam Perelman e Tyteca (2002), é comum que estejam implícitos: “O mais das vezes, aliás, o lugar da quantidade constitui uma premissa maior subentendida, mas sem a qual a conclusão não ficaria fundamentada.” (p. 97).

Ainda, sugerimos que essa dificuldade se manifeste por, pelo menos, outras duas razões: pela falta da clareza que os alunos têm das ideias que tentam desenvolver; e pelo desconhecimento dos modelos argumentativos que consideramos. Nos textos, é muito comum o problema de falta de coesão e coerência. O seguinte trecho da introdução de uma das redações é um bom exemplo disso. Nele, ao que nos parece, o locutor vai mudando gradualmente sua visão sobre as pessoas da sociedade, de positiva a negativa: “a sociedade, hoje em dia, possui pessoas com mentes abertas, pessoas que acumulam informações, que trituram opiniões e destroem conceitos éticos [...]”.

Essa ausência de unidade de sentido, em que o autor vai mudando suas ideias no próprio desenvolvimento das frases, acreditamos que possa ser um dos motivos de nossa dificuldade na identificação dos argumentos. Muitas vezes, a ideia que se quer desenvolver no início do parágrafo já não é mais sustentada nem mesmo no seu final, quanto mais no texto como um todo. Isso é um problema não apenas na tentativa de se identificar os argumentos, mas também na de compreender o sentido do texto, visto que entendemos o texto como uma unidade significativa.

Isso indica que os textos não são organizados com uma tese central a ser defendida por meio de alguns argumentos, que é como entendemos ser o ideal de um escrito dissertativo-argumentativo. No geral, esse problema poderia ser resolvido, como nos indica Serafini, com um planejamento anterior do texto (1992, p. 48). Escrever, para ela, compõe-se de operações elementares: “organizar as próprias ideias, escrever o roteiro, associar cada ideia a um parágrafo, desenvolver o próprio raciocínio, rever e tornar mais legível a própria redação” (1992, p. 21).

A segunda razão é ainda mais simples. Como os alunos desconhecem esses modelos de forma sistemática e as ideias que os sustentam, não são capazes de tirar deles o máximo, ainda que utilizem esses recursos. Em outras palavras, se os alunos conhecessem o que baseia esses “modelos de argumentos”, eles seriam mais persuasivos na sua argumentação.

Isso não quer dizer que consideramos necessário que os professores de português tenham que aplicar-se fielmente ao estudo e ensino de argumentos de lugar-comum na sala de aula. Acreditamos apenas que seu uso recorrente e sua presença comum tanto em textos acadêmicos quanto em diálogos informais não devem ser desconsiderados. Esse pode ser um apoio valioso ao ensino de argumentação.

Conclusões:

Os textos possuem poucos argumentos e, geralmente, a maior parte da argumentação corresponde a argumentos de lugar-comum. Apesar disso, nem sempre esses argumentos são facilmente identificáveis, de forma que certo conhecimento sobre os lugares-comuns pode auxiliar a leitura e interpretação das redações. Entendemos que isso pode ser resultado de dificuldades quanto à produção textual e conhecimento limitado sobre argumentação. Assim sendo, os resultados parecem sugerir a necessidade de se desenvolver um trabalho um pouco mais extensivo no ensino da produção de textos e da argumentação.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Órganon*. Tradução de Edson Bini. 3ª. ed. São Paulo: Edipro, 2016.

_____. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BERNARDO, G. **Educação pelo argumento**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PORTAL RAÍZES. "**Nunca Tivemos Uma Geração Tão Triste**". Disponível em: <<http://www.portalraizes.com/nunca-tivemos-uma-geracao-tao-triste/>>. Acesso em: 04 de jul. 2017.

SERAFINI, M. T. **Como escrever textos**. 5ª. ed. São Paulo: Globo, 1992.

SHMIDT, S; SANTOS, R. S. **O argumento de autoridade e a relação direta com o texto motivador: uma análise a partir das redações do vestibular da Unijui**. In: Seminário de Iniciação Científica, XXIV, 2016. Ijuí, Anais... Disponível em: <<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/6668/5439>>. Acesso em: 30 de Jun. de 2017.

TOULMIN, S. **The uses of argument**. New York: Cambridge University Press, 1995.